
**Televisão e Classe:
Uma Análise das Desigualdades Sociais em *Segunda Chamada* (2019)¹**

Andrei MAUREY²

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio

RESUMO

No passado, a expropriação dos meios de produção das mãos dos trabalhadores aliada à confecção de leis que asseguravam a propriedade privada dos meios de produção foram processos decisivos para o avanço e manutenção do capitalismo. Com isso em mente, o presente artigo visa realizar uma análise da primeira temporada do seriado *Segunda Chamada* (2019), em busca de elementos que possam desvelar os processos de exploração e opressão que, mesmo sendo histórico-sociais, costumam ser representados sob um caráter de naturalidade, além de apontar os esforços para o combate ao preconceito e as ideias que atuam na manutenção, justificação e legitimação das desigualdades sociais.

Palavras-Chave: comunicação; mídia; desigualdade; televisão; ficções seriadas.

1. Introdução

Não é apenas que a pobreza é *boa* para o capitalismo; é *essencial* para sua própria sobrevivência (WRIGHT, 1994, p.38).

Em 1828, o Sr. Thomas Peel se preparava para partir da Inglaterra para o Rio Swan, na Austrália³. Impulsionado pela colonização britânica e os investimentos e promessas de riqueza, recebera da coroa os direitos sobre determinadas terras, com a missão de fundar uma comunidade com a qual a capital Londres pudesse estabelecer um comércio lucrativo. Em suas naus, lembrou de colocar tudo que fosse necessário para o seu empreendimento, tais como as máquinas de produção industrial, as ferramentas, meios de subsistência e, bastante precavido, levou também três mil operários (homens, mulheres e crianças), todos qualificados e treinados para os cargos a serem ocupados.

Eis que ao desembarcar no destino, seus operários imediatamente abandonaram sua causa. Eles tomaram para si as terras da região, começaram a plantar por conta própria, levantaram suas moradias, "passaram a caçar de manhã e pescar à tarde",

¹ Trabalho apresentado no GP Ficções Seriadas, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Curso de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, e pesquisador do Laboratório de Movimentos Sociais e Mídia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, do IUPERJ/UCAM, email: andreimaurey@gmail.com.

³ É importante frisar que algumas informações extras foram adicionadas à estória. Entretanto, defendemos que esses conteúdos se tratam de uma metáfora da expansão capitalista e não deturpam ou descaracterizam seus elementos principais.

puderam se reproduzir e garantir a sobrevivência material de suas proles, comemoravam as colheitas, etc. E o pobre do Sr. Peel, no primeiro dia, viu-se desprovido de quaisquer criados ou trabalhadores, ficando sem ninguém até para lhe trazer água do rio. Mas o que havia acontecido? Ele planejara todos os detalhes com tanto cuidado, por que não deu certo? Ora, para entendermos o que se passou com o Sr. Peel⁴, primeiro se faz necessária a exposição de um breve contexto histórico da época.

Na Grã-Bretanha do início do século XIX, lordes de uma riqueza inestimável e grandes parlamentares influentes formavam a alta cúpula monárquica que determinava as questões políticas da Europa e, conseqüentemente, de uma imensa extensão de terras por todo o planeta. O Império Britânico, principalmente após as vitórias nas guerras napoleônicas e a grande expansão econômica advinda da revolução capitalista, havia conseguido abrir os caminhos para navegar em meio a águas profundas e distantes, sem concorrência, tornando-se o maior império já visto em toda a história da humanidade. Londres era a capital financeira e industrial do mundo, de onde os bancos e investidores privados passaram a apostar largamente na vida além-mar.

Um homem destacou-se nesse período como figura-chave no estabelecimento de novas colônias da coroa inglesa na Austrália, Nova Zelândia e Canadá. Seu nome era Edward Gibbon Wakefield⁵ e ele ficou enormemente conhecido pelo seu conjunto de ideias, práticas e esquemas que visavam transformar os modos de colonização efetuados pelos ingleses. Tudo começou com sua carta *A Letter From Sidney*, de 1829, onde ele declarava que a falta de uma força de trabalho adequada era o motivo pela miséria nas colônias. Então, para superar essas deficiências, engajou-se na produção teórica que chamou de "colonização sistemática", isto é, suas propostas para a coroa inglesa quanto à aquisição de terras, trabalho qualificado e investimento de capital no exterior. Esse programa foi tão bem-sucedido que obteve adesão de pessoas influentes como Jeremy Bentham e James Mill (ambos amigos de seu pai e grandes influências na sua infância).

Mais tarde, no livro *England and America* (1833), ele faz uma revisão de sua teoria e supostamente teria detectado o precioso segredo da colonização e das relações de produção capitalistas. Nesse sentido, retomando a estória, o que havia acontecido com o Sr. Peel? Ele havia levado para a colônia tudo que era "necessário", conforme sua

⁴ A saber, o Senhor Thomas Peel foi primo de segundo grau de Robert Peel, duas vezes Primeiro Ministro do Reino Unido (1834-35 e 1841-46) e um dos fundadores do Partido Conservador, além de ser patrono da moderna polícia inglesa, tendo fundado o Serviço de Polícia Metropolitano (*Scotland Yard*), em Londres, em 1829.

⁵ Para quem se interessar, a tese que descreve a biografia e a rigorosa produção teórica de Edward G. Wakefield e serviu de base para a introdução é a de Robert Schultz (1965).

experiência: dinheiro, força de trabalho qualificada, equipamentos e ferramentas. Em seu país, bastava um homem de negócios promover um investimento que imediatamente surgia uma multidão de desempregados, ávidos por uma oportunidade de trabalho. O que será que ele havia deixado de fora das naus quando partira em viagem⁶?

Apesar de no mundo contemporâneo essa resposta parecer simples e óbvia, assim não o era para os intelectuais da época. Descobrir o que o Sr. Peel havia negligenciado e esquecido em sua viagem, significava ir de encontro ao pensamento tradicional dos economistas políticos, para quem as relações sociais do modo de produção capitalista tinham raízes em leis *naturais* e que, portanto, naturalmente, teriam de surgir também nas colônias. Como não aconteceu dessa maneira, foi possível perceber um dos elementos fundamentais para a constituição do modo de produção capitalista, aquilo que permite, ao mesmo tempo, a sua gênese e a sustentação do capital nas sociedades industriais - as *relações de produção*⁷. O Sr. Peel, portanto, teria falhado em perceber que os meios de produção e de subsistência não são, em si, capital⁸. Eles apenas se tornam capital "em condições sob as quais servem simultaneamente como meios de exploração e de dominação do trabalhador" (MARX, 2013, p.1017).

Uma vez livres, os homens abandonaram-no para buscarem as suas próprias subsistências e se auto-realizarem enquanto seres humanos. As leis britânicas, seguidas à risca em seu território, eram pulverizadas em segundos nas colônias. Não bastava oferecer bons empregos, pois quem iria se dispor a vender sua força de trabalho com tanta terra, alimento e matéria-prima em abundância? A coroa inglesa precisou, então, *exportar* suas relações de produção. E, com isso, dar início a um processo devastador: fazendas foram queimadas, o gado foi aniquilado, as árvores foram derrubadas e as terras, cercadas e vendidas a preços exorbitantes ou fora do acesso popular. Eis que os

⁶ "Por que esse fracasso com todos os elementos de sucesso, um clima agradável, muita terra boa, capital e trabalhadores suficientes? A explicação é fácil. Nesta colônia, nunca houve uma classe de trabalhadores. Aqueles que saíram como trabalhadores logo que chegaram à colônia foram tentados pela superabundância de boas terras a se tornarem proprietários de terras" (WAKEFIELD, 1833, p.33).

⁷ "O grande mérito de E. G. Wakefield não é o de ter descoberto algo novo sobre as colônias, mas o de ter descoberto, nas colônias, a verdade sobre as relações capitalistas da metrópole. (...) Inicialmente, Wakefield descobriu nas colônias que a propriedade de dinheiro, meios de subsistência, máquinas e outros meios de produção não confere a ninguém a condição de capitalista se lhe falta o complemento: o trabalhador assalariado, o outro homem, forçado a vender a si mesmo voluntariamente. Ele descobriu que o capital não é uma coisa, mas uma *relação social entre pessoas*, intermediada por coisas" (MARX, 2013, p.1016-1017).

⁸ Citamos agora, depois da revelação, a passagem que nos forneceu a inspiração para a estória: "O Sr. Peel, lastima ele, levou consigo, da Inglaterra para o rio Swan, na Nova Holanda, meios de subsistência e de produção num total de £50 mil. Ele foi tão cauteloso que também levou consigo 3 mil pessoas da classe trabalhadora: homens, mulheres e crianças. Quando chegaram ao lugar de destino, 'o Sr. Peel ficou sem nenhum criado para fazer sua cama ou buscar-lhe água do rio'. Desditoso Sr. Peel, que previu tudo, menos a exportação das relações inglesas de produção para o rio Swan!" (MARX, 2013, p.1017).

homens livres, agora desprovidos de seu sustento e incapazes de garantirem a sobrevivência de suas famílias, estavam prontos para se curvarem diante das demandas do Sr. Peel, que, precavido e generoso como era, iria ainda lhes prover alimentação!⁹. Para encerrar essa estória, nenhuma passagem a resume melhor do que o último parágrafo de sua obra: "o modo capitalista de produção e acumulação – e, portanto, a propriedade privada capitalista – exige o aniquilamento da propriedade privada fundada no trabalho próprio, isto é, a *expropriação do trabalhador*" (MARX, 2013, p.1027).

O presente artigo¹⁰ visa realizar uma análise marxista da primeira temporada do seriado *Segunda Chamada* (2019), em busca de elementos que possam contribuir para o debate acerca das desigualdades sociais existentes na sociedade brasileira. À luz de uma análise filosófico-analítica, cuja precisão e o rigor argumentativos devem ser trazidos ao exame racional com a mesma responsabilidade com a qual o objeto será abordado, pretendo conferir se a exploração e a opressão, ambos processos histórico-sociais, são representados nesse seriado sob um caráter de naturalidade. Além disso, pretendo apontar certos esforços para o combate ao preconceito e as ideias que atuam na manutenção, justificação e legitimação da pobreza e das desigualdades sociais no país.

2. Desigualdades Sociais, Exploração e a Opressão Não-Exploratória

Como ilustrado na introdução, no passado, a intensa expropriação dos meios de produção das mãos dos trabalhadores aliada à confecção de leis que asseguravam a propriedade privada dos meios de produção foram processos decisivos para o avanço e manutenção do modo de produção capitalista. Todavia, no mundo contemporâneo, com uma divisão social do trabalho complexa e regida por normas antes impensáveis, como argumentar ainda sobre um eixo formulado à luz do diagnóstico das lutas de classes durante as sociedades industriais? Como pensar as desigualdades sociais hoje? Como considerar (e onde posicionar) as barreiras, limites e/ou fronteiras nos conceitos de exploração e opressão? O par capital x proletariado e suas intrínsecas circunstâncias, como a exploração e a opressão capitalista, podem ser ainda apontados como peças-chave na compreensão de suas contradições internas? O que significa dizer, através de

⁹ Na lápide do Sr. Thomas Peel, pode-se ler: "Thomas Peel, (...) o primeiro colono corajoso, que suportou com muita fortitude as dificuldades e decepções sofridas pelos primeiros colonos". Disponível em: <https://bit.ly/33y586z>

¹⁰ O artigo se trata de uma primeira investida analítica com base no eixo central de uma análise marxista de classes, cujas especificações teórico-metodológicas fazem parte da minha tese de doutorado.

uma *análise de classes*, que o proletariado continua a ser explorado e oprimido? É com o objetivo de responder a essas perguntas que irei expor os conceitos de desigualdade, exploração e opressão e, em seguida, avançar para a análise do seriado, na qual foram observados exemplos e ilustrações acerca dessa discussões.

Primeiramente, o que é desigualdade social? À primeira vista, uma pergunta tão simples não deveria criar tanta confusão e caos já no momento em que se pretende a respondê-la. Ainda mais por se tratar de um fenômeno sobre o qual estamos todos "do mesmo lado" argumentativo (ninguém, em sua consciência ou desprovido de sentidos morais abjetos, é a favor de sua existência). Porém, por ser um dos pilares centrais na definição do espectro sociopolítico, uma má elaboração (ou interpretação) discursiva e o indivíduo é logo taxado de uma ou outra coisa e enquadrado em um grupo típico. O problema é que mesmo a *pobreza* sendo uma categoria de árdua verificação científica e definição empírica, praticamente todo mundo possui alguma opinião sobre sua gênese e seus aspectos determinantes. Principalmente em âmbito acadêmico, onde ela é capaz de deslizar sobre os mais diversos eixos teóricos nos estudos sociológicos e econômicos, que apontam para vários tipos de desigualdades e suas possíveis *curas*, mas, sobretudo, para suas *causas*, estas frequentemente contraditórias¹¹.

Neste artigo, considera-se como desigualdade quando um atributo é distribuído pelas unidades de uma sociedade em diferentes quantidades¹². Mais estritamente, os atributos cuja distribuição é responsável pela manutenção da inacessibilidade dos bens materiais a uma classe específica. Portanto, o estudo da desigualdade aqui consiste em "explicar os determinantes e as consequências da distribuição desses atributos pelas unidades apropriadas" (WRIGHT, 1994, p.21). Sendo assim, totalmente oposto aos modelos que apontam para a falta de renda e riqueza como "culpa da vítima ou do meio social", debruço-me sobre a abordagem de *exploração de classe*, na qual os desejos e interesses coletivos das classes geram conflitos que revelam lógicas antagônicas em sua natureza e apontam para os mecanismos que impedem ou desvirtuam a dissolução da exploração e da opressão capitalista.

¹¹ Dois exemplos são: o modelo das conquistas e realizações, segundo o qual a aquisição de renda e prosperidade dos indivíduos está diretamente relacionada aos seus esforços próprios ("pobre é quem não se esforça"); ao contrário do modelo da exploração de classe, no qual a renda da classe exploradora pode ser explicada, ao menos em parte, como dependente dos esforços da classe explorada (WRIGHT, 1994).

¹² Para o autor, as unidades podem ser indivíduos, famílias, grupos sociais, comunidades, nações, etc.; e os atributos, coisas como renda, riqueza, status, conhecimento e poder (WRIGHT, 1994).

A abordagem de exploração de classe, em oposição às outras¹³, vê a pobreza como um fenômeno inerente ao modo de produção capitalista. Ela não é um subproduto, tampouco um revés ou uma circunstância; é algo impossível de se erradicar seguindo-se a própria lógica e mecânica do sistema¹⁴. Por isso, não há como conceber os desejos e interesses da classe trabalhadora como sendo minimamente comensuráveis com a classe capitalista, pois esta depende da exploração da primeira para a obtenção de seus lucros. Assim, o ponto nevrálgico dessa abordagem é o de que existem atores/agentes dotados de poder que possuem um interesse ativo nessa manutenção da pobreza. Em outras palavras, "Não é apenas que a pobreza seja uma consequência infeliz de sua busca dos interesses materiais; é uma *condição* essencial para a *realização* de seus interesses"¹⁵ (WRIGHT, 1994, p.38).

Sem desconsiderar totalmente sua importante dimensão moral¹⁶, essa abordagem enfrenta o problema de dividir a pobreza em duas distintas classificações. A primeira, é a pobreza gerada pelas *relações de exploração* e as desigualdades sociais, ou seja, seus determinantes advém do fato dos trabalhadores não serem os donos dos meios de produção e, por isso, têm de se sujeitar a vender a sua força de trabalho no mercado (exploração). Ela segue três princípios: o bem-estar material dos exploradores depende direta e causalmente das privações materiais dos explorados (antagonismo de interesses); a exclusão assimétrica dos explorados do acesso e controle de certos recursos produtivos importantes, normalmente por meio dos direitos de propriedade (antagonismo na organização social da produção); e há uma apropriação dos frutos do

¹³ O autor contrasta quatro principais abordagens de explicação da pobreza. As outras três são: a abordagem que vê a pobreza como resultado dos atributos individuais (as pessoas pobres teriam um defeito inerente, geralmente vinculado à uma inferioridade genética que afetaria sua inteligência); a abordagem da pobreza como um subproduto das características individuais contingentes (os atributos não são inerentes, mas partes contingentes dos processos sociais e culturais, como o fato de eles não terem os valores corretos, serem preguiçosos ou possuírem uma motivação defeituosa); e a abordagem da pobreza como um subproduto de causas sociais (referente à natureza da estrutura de oportunidades que as pessoas em desvantagem enfrentam) (WRIGHT, 1994, p.32-36). O autor lembra que essas abordagens podem ser misturadas (dentro do possível) e que não há razão para acreditar que uma delas seja melhor do que as outras para explicar *todos* os aspectos da pobreza.

¹⁴ Compreendo que a social democracia e seus processos políticos tentem, de certa forma, conter o avanço da pobreza e, principalmente, trabalhar em prol da sua redução efetiva (apesar da impossibilidade de seu extermínio); como lembra o autor, a social democracia acha possível "domar" o capitalismo e gerar uma redistribuição de riqueza de forma compatível com a sobrevivência das instituições capitalistas (WRIGHT, 1994).

¹⁵ Grifos do próprio autor.

¹⁶ "Exploração é um termo teórico carregado, pois sugere uma condenação moral de relações e práticas particulares, não apenas uma descrição analítica. Descrever um relacionamento social como explorador é condená-lo como prejudicial e injusto para os explorados. No entanto, embora essa dimensão moral da exploração seja importante, o núcleo do conceito gira em torno de um tipo particular de interdependência antagônica dos interesses materiais dos atores nas relações econômicas, em vez da injustiça dessas relações enquanto tais" (WRIGHT, 2004, p. 9-10).

trabalho dos explorados por aqueles que controlam esses recursos, isto é, a famosa *apropriação do produto excedente*¹⁷ (WRIGHT, 2004).

A segunda classificação é a pobreza gerada pela *opressão não-exploratória*. Ela se refere à parcela de indivíduos cujas condições de vida são tão deploráveis que eles são incapazes até mesmo de ter a sua força de trabalho explorada. Autores na literatura clássica marxista se referem a eles como o *lumpemproletariado* (subproletariado) e são descartáveis pela lógica do capitalismo, "os interesses materiais dos segmentos ricos e privilegiados da sociedade americana seriam melhor servidos se essas pessoas simplesmente desaparecessem"¹⁸ (WRIGHT, 1994, p.49). Sendo assim, diz-se que eles são oprimidos, pois são impedidos de ter acesso aos recursos produtivos com os quais poderiam se qualificar e tornar a sua força de trabalho "vendável"; e não são explorados, pois nem participam desse processo (WRIGHT, 1994).

Finalmente, nenhuma teoria pareceu mais substantivamente válida para observar esses elementos e conectar à metodologia empregada do que a de Robert Alford e Roger Friedland (1985). Para esses autores construir uma nova e consistente teoria do Estado para as sociedades capitalistas ocidentais, eles resgataram três perspectivas históricas¹⁹, investigaram cuidadosamente seus detalhes e as integraram numa noção concreta. São elas: a *pluralista*, cujo domínio de análise recai sobre o comportamento político do indivíduo (ou grupos de indivíduos) e a influência de suas interações na tomada de decisão governamental; a *gerencial*, que visa compreender seus elementos burocráticos (as organizações), onde o poder é visto como estrutural e intrínseco à capacidade de dominação das corporações politicamente enviesadas; a *de classe*, que pretende explicar seu aspecto capitalista na relação entre o capitalismo com o Estado e a democracia (ALFORD; FRIEDLAND, 1985).

Não obstante, por meio da metáfora de um jogo, Erik Olin Wright (2015) avança essa discussão e sugere que as lutas relacionadas ao poder sistêmico (perspectiva de classe) podem ser pensadas como lutas para definir qual "jogo deve ser jogado" (capitalismo x socialismo); as lutas pelo poder estrutural (gerencial) ocorrem sobre "as

¹⁷ "Se apenas as duas primeiras dessas condições forem atendidas, teremos o que pode ser chamado de 'opressão econômica não exploratória', mas não de 'exploração' (WRIGHT, 2004, p.10).

¹⁸ Além disso, ao comparar com a questão dos índios nativos norte-americanos, ele salienta que diferentemente de como as coisas eram no século XIX, o genocídio não funciona mais como uma estratégia viável. Por conseguinte, a alternativa é, então, a construção de presídios (WRIGHT, 1994).

¹⁹ Em cada perspectiva (com seu método específico), os três níveis de poder (situacional, estrutural e sistêmico) são considerados importantes, porém cada uma delas foca especialmente em um nível de poder como principal, conforme especificado.

regras do jogo" (que tipo de capitalismo); e as lutas envolvendo o poder situacional (pluralista) estão preocupadas com "os movimentos do jogo", ou seja, as jogadas dentro de um conjunto fixo de regras (como realizar seus interesses dentro das regras). Note que nas sociedades contemporâneas, múltiplos jogos estão sendo jogados e com as mais variadas regras possíveis, sendo elas consistentes ou não com os jogos (e sua *infinidade* de jogadas). Portanto, é árdua a tarefa de distinção entre eles (jogos, regras e jogadas), pois meros detalhes participam de composições deveras elaboradas, capazes de ofuscar a essência de determinados fenômenos. Além do mais, "é sempre possível que o efeito cumulativo de pequenas mudanças nas regras possa alterar a natureza do jogo a tal ponto que, eventualmente, um novo jogo passe a ser jogado" (WRIGHT, 2015, p.121).

Nessa direção, entendo que uma sociedade é muito mais complexa do que propriamente um jogo, onde as peças, supostamente, são movidas de forma integrada e coesa. Contudo, esse modelo pode funcionar muito bem para iluminar esses elementos nos seriados, sobretudo as representações ao nível individual e organizacional²⁰, das quais pode-se desvelar as ideias por trás das lutas reformistas ou reacionárias (e seus esforços para influenciar ideais políticos) ou as opiniões e práticas de grupos sociais e políticos que se engajam em movimentos típicos, ampliando ou reduzindo as lutas por avanços sociais (WRIGHT, 2015).

Para encerrar, essas noções de exploração e opressão tornam-se ferramentas potentes para nos orientar nos debates acerca das desigualdades sociais, demonstrando o quanto os trabalhadores estão mergulhados em processos de subordinação aos interesses de outra classe, a qual passa a determinar sua existência produtiva, enquanto obtém lucros advindos dos processos histórico-sociais e da má distribuição dos atributos pela sociedade. Na próxima parte, a análise do seriado buscará, então, amarrar os elementos teóricos abordados com as relações de produção expostas em suas narrativas para desvelar os aspectos que naturalizam a exploração e a opressão; desmistificar as ideias que contribuem para a manutenção, justificação e legitimação das desigualdades sociais no país; e revelar as jogadas e regras utilizadas em prol de um combate ao preconceito.

²⁰ Suspeito que não devem surgir representações críticas a nível sistêmico na grande mídia, pois um confronto com o ideal do capitalismo seria implausível quando se considera o modelo econômico no qual ela se insere e se mantém. Por conseguinte, defendo que ela naturalmente tende a apoiar a ideologia dominante (ou o "jogo institucionalizado" vigente), ora legitimando um ou outro avanço social, mas apenas a fim de receber um consentimento adequado para seus propósitos (é nesse ponto que a análise ganha dinâmica e potência).

3. Segunda Chamada: As Regras Ideológicas e Jogadas para o Fim do Preconceito

"Não confunda briga com luta. Briga tem hora para acabar, luta é para uma vida inteira" - Sérgio Vaz

O seriado *Segunda Chamada* (2019) é uma produção da O2 Filmes, exibida pela Rede Globo de Televisão a partir de 8 de Outubro de 2019. A primeira temporada conta com onze episódios escritos por Carla Faour e Julia Spadaccini, com a colaboração de Giovana Moraes, Jô Bilac, Jô Abdu, Maíra Motta e Victor Atherino. Foi dirigido por Breno Moreira, João Gomez e Ricardo Spencer, e a direção-geral e artística é de Joana Jabace. Foi baseado na peça teatral *Conselho de Classe*, de Jô Bilac, e as gravações ocorreram na antiga Escola do Jockey Club de São Paulo.

Como um produto valioso e um registro mais do que necessário²¹ em meio a um cenário político conturbado no país, a temática do ensino da EJA (Educação de Jovens e Adultos) entra em pauta para abordar os problemas vivenciados pelas pessoas dos setores mais empobrecidos da sociedade. Por se tratar de uma modalidade de ensino noturno, quase todas as cenas são, obviamente, à noite, mas apesar do clima sombrio dos dramas vividos pelos personagens, não há uma sensação de afastamento, pelo contrário, eles são apresentados de forma habilidosa e emocionante. Em termos técnicos e dramáticos, pode-se dizer que o seriado prende os telespectadores junto às histórias, a fotografia apresenta uma estética interessante e a direção impecável de Joana Jabace, em seu primeiro trabalho na emissora, aliada a um elenco com atuações brilhantes, completam o resultado positivo.

Quanto à trama²², ela se desenvolve a partir de Lúcia (Débora Bloch), que foi afastada da profissão por conta da morte traumática de seu filho Marcelo (Artur Volpi), atropelado em frente à escola. Contudo, já tendo retornado há um tempo às salas de aula, ela ainda demonstra sinais de despreparo psicológico, principalmente quando tenta ficar com uma criança abandonada por uma aluna. A cada episódio, ocorrem situações

²¹ Talvez não acidentalmente, o seriado tenha ganhado força para ser produzido e exibido justamente no primeiro ano do mandato de um governo cujas ideias e pautas sociais estão inseridas num dos enquadramentos mais atrasados e danosos na história do país.

²² Para explicar o resto da trama e os personagens principais: Lúcia mora com seu marido, o Dr. Alberto (Marcos Winter), que sofreu uma apoplexia (derrame cerebral) logo após a morte do filho e precisa de intensos cuidados. Logo no início, ficamos sabendo que Lúcia tem uma relação amorosa com o professor e diretor Jaci (Paulo Gorgulho), ao qual sempre recorre quando precisa de ajuda. Os dois contam com os talentos em sala de aula (e fora também) da professora de Matemática, Eliete (Thalita Carauta), uma mulher independente, decidida e forte; a professora de História, Sônia (Hermila Guedes), que sofre agressões físicas de seu marido Carlos (Otávio Muller) e é uma mulher esgotada pela vida; e o professor de Teatro, Marco André (Silvio Guindane), recém chegado à escola, onde gostaria de ensinar e ficar próximo do bairro/local onde nasceu, e onde supostamente vive a sua mãe biológica, apesar de ele não ter "interesse" em procurá-la.

envolvendo um ou mais alunos, enquanto os arcos dramáticos dos professores são desenvolvidos paralelamente. Em seus onze episódios, além dos problemas do sistema educacional, os personagens enfrentam situações de vida difíceis, tristes e complicadas, responsáveis por gerar muitas histórias comoventes²³.

Para iniciar a análise, como suspeitado anteriormente, não há representações, ao nível sistêmico, de uma crítica concreta e direcionada contra o capitalismo. O seriado, na verdade, vislumbra um jogo, cujas regras e jogadas contra o preconceito permitiriam uma vida social menos indigna e penosa (embora não menos competitiva). São essas pautas, ao nível *individual*, e o enfrentamento dessas ideias com os posicionamentos ultraconservadores, arcaicos e reacionários subjacentes na sociedade, que alimentam a trama²⁴. Apesar de concordar e defender que essa mensagem é crucial para os avanços sociais do país, ela ficará aqui "em segundo plano"²⁵, pois o intuito é se debruçar sobre a investigação do tipo de capitalismo reproduzido pelo seriado.

Pelo título, sabe-se que segunda chamada é quando se falta a uma prova ou teste e a instituição de ensino permite que o aluno tenha outra oportunidade (geralmente, bem mais difícil, para desencorajar essa opção). Logo, a trama retrata personagens que teriam "falhado" em estudar quando eram crianças, e agora estão tendo a segunda chance para buscarem conhecimento e melhorias para suas vidas. E como se já não bastassem esses elementos para um interessante produto audiovisual, o seriado ainda transforma os telespectadores em alunos, matriculando-os automaticamente em seu curso de "Realidade Social e Respeito ao Próximo", onde a cada episódio, ou melhor, *aula*, exibe-se um preconceito ou manifestação de ódio contra um indivíduo ou grupo social minoritário e ensina-se o que se espera ser *óbvio* no senso comum - a tolerância e o respeito ao próximo. No final, a maioria dos personagens consegue o diploma; porém,

²³ A história de Solange (Carol Duarte), que abandona seu bebê na escola por não ter como cuidar ou com quem deixar; a transfobia sofrida pela Natasha (Linn da Quebrada); Reginaldo (Marcos de Andrade) dá uma pulseira para a professora Sônia e quando ela nega o presente, ele tenta estuprá-la na sala dos professores; Gislaïne (Mariana Nunes) quase perde uma bolsa de estudos num concurso de redação por ser prostituta; Rita (Nanda Costa), mãe de três crianças, descobre que está grávida novamente e toma um abortivo, indo ao óbito; Aline (Ingrid Gaigher) surge na sala de aula com olho roxo e as amigas aconselham a denunciar o namorado; Maicon (Felipe Simas), motoboy, desesperado por sua condição financeira, tenta assaltar a turma, mas quando foge da escola é morto a tiros; Jurema (Teca Pereira) é forçada pelo marido a abandonar a escola, pois não queria que ela fosse mais educada que ele; Valquíria (Georgette Fadel), ex-detenta com tornozeleira eletrônica, sofre preconceito e é acusada de roubo por engano; Marcelo, filho da professora Lúcia, é expulso de casa quando seu pai descobre que ele é homossexual, etc.

²⁴ Quanto aos problemas abordados acerca do preconceito, nota-se que após resolvido algum conflito, nos episódios seguintes, os personagens muitas vezes agem como se não tivesse havido conflito nenhum, ou pior, nenhum preconceito, em primeiro lugar. A velocidade com que os personagens percebem seus preconceitos e consertam seus erros é *irreal*, mas talvez por conta de um apelo "desesperado" das autoras, essa é a velocidade com a qual os telespectadores precisam se identificar.

²⁵ As aspas se referem ao fato de que elas ainda assim mantêm sua importância como contraponto e exemplo para os principais argumentos da análise.

resta saber se os telespectadores (para quem talvez também tenha sido direcionado o título) sairão dessa experiência com uma aprovação tão crucial, ou seja, compreendendo efetivamente a importância das noções da esfera pública e privada²⁶ para o convívio social e uma coexistência mais pacífica em sociedade.

Há um fator relevante e um tanto *intrigante* na sua estrutura dramática. Nenhuma relação heterossexual em toda a primeira temporada é apresentada como saudável ou mesmo ordinária, salvo a relação construída entre Sônia e Marco André, da qual obtém-se poucas informações até o final da temporada. Após décadas de um pensamento conservador da emissora, talvez as autoras tenham aproveitado o momento (e a liberdade) para injetar altíssimas doses de "resistência", principalmente graças às aberturas proporcionadas por inquietantes e ativos movimentos sociais na internet. Aliás, essa suspensão das relações heterossexuais saudáveis têm a importante tarefa de apontar para os componentes defeituosos e deploráveis da nossa sociedade, como o abuso e a violência física e psicológica cometidos pelos homens às mulheres.

Por conta disso, não há espaço para mulheres fracas na trama. Sônia (Hermila Guedes), professora de História, é a que mais reluta em corrigir seu problema, mas seu comportamento tem uma função evidente, criar uma espécie de modelo, de exemplo a ser seguido, pois um número elevado de mulheres se encontra na mesma situação. É por isso que, no final, ela consegue superar seus medos e aflições, denunciar o marido e sair de casa. Ademais, pode-se constatar que todas as personagens saem fortalecidas de seus modelos arquetípicos e apresentam conquistas positivas e visíveis, principalmente por terem contado com a ajuda umas das outras. A maneira como as autoras abordaram o tema, inserindo nas falas as opiniões e discursos antagônicos do horizonte social, foi uma estratégia interessante, onde venceu o argumento que elas intencionam ensinar - de que as mulheres não têm de ter vergonha e devem ir à luta. Logo, essas questões de gênero envolvem uma pequena demonstração de que gestos e atitudes de enfrentamento podem ajudar a combater a opressão à mulher, principalmente ao cumprir com seu papel de "aula", iluminando o caminho das telespectadoras na busca de seus direitos.

Como aqui a crítica leva em conta a situação material da vida dos personagens em relação à estrutura de classes, a princípio, observa-se que nenhum personagem, seja do núcleo principal ou de apoio, demonstra possuir sequer uma fração do que poderia

²⁶ O seriado pode ser inteiramente analisado por esse outro escopo teórico, abordando os problemas da sociedade brasileira em compreender efetivamente o que significa as esferas do público e privado, tão bem trabalhadas nos episódios. Infelizmente, esse tema não foi aprofundado por falta de espaço.

ser entendido como a realização plena de sua condição humana. Em outras palavras, suas vidas são apresentadas como se fossem as únicas possíveis de serem vividas, são vidas opacas, muitas vezes sem sentido, sem essência, desprovidas da satisfação de vontades e prazeres concretos, vidas sem sonhos e de raras alegrias, vidas construídas como produtos enlatados, produzidas para uso em massa. Pela ausência de personagens ricos ou de condições financeiras asseguradas²⁷, o que se percebe são indivíduos que parecem não ser donos(as) de si mesmos(as). Quem está desempregado, sofre e se desespera por não conseguir um emprego; aqueles que o tem, fazem malabarismos para assegurá-lo, e também não se sentem plenamente realizados.

A mensagem das autoras é, portanto, clara e direta: "a vida é difícil, é preciso correr atrás". Aliás, longe de querer mensurar e/ou comparar o quanto a violência subjetiva causa danos pessoais, é preciso ressaltar o horror e a monstruosidade de se verificar a violência objetiva²⁸ como a verdadeira antagonista do seriado. De fato, essa constatação empírica da realidade é inegável, principalmente sob o viés político; no entanto, o eixo em que se debruçou tendeu a pulverizar certos elementos que compõem a estrutura social vigente (e seus processos intrínsecos, como vistos anteriormente). Por óbvio, não há obrigação de um posicionamento favorável ou contrário à sua existência, tampouco a omissão de críticas diretas significa uma adesão ideológica automática. Então, é nesse momento que se deve recolher os pequenos fragmentos para montá-los, a fim de se obter uma visão geral de sua forma e características. Com isso, é possível trazer à tona o que está coberto sob o véu da *naturalidade*, isto é, de que as engrenagens do capitalismo não giram sem o controle e a dominação humana e que as desigualdades sociais e as existências produtivas dos indivíduos não são meras consequências naturais de um processo, um "mal inevitável", mas sim contingências histórico-sociais.

No sexto episódio, duas estórias²⁹ se entrecruzam poderosamente para reforçar a atmosfera de um sistema, de fato, desigual e brutal, porém condizente com as decisões

²⁷ Marco André, o professor de teatro e filho de uma médica, é talvez o personagem com maior poder aquisitivo em todo o seriado. Curiosamente, ele não parece ser afetado pelos mesmos problemas, pois o seu comportamento é mais tranquilo, despreocupado. Até mesmo quando recupera seu carro, roubado no primeiro episódio, e ele percebe que levaram tudo de dentro, inclusive as poltronas, ele se mantém calmo e não age como se fosse um problema tão grave.

²⁸ Trabalhei com a noção zizekiana de violência subjetiva e objetiva em Andrei Maurey (2018). A saber, a violência subjetiva é aquela realizada pelos sujeitos, como assaltos, latrocínio, brigas, estupros, espancamentos, etc.; a objetiva é a violência invisível, sistêmica do modo de produção capitalista, é a violência que se pretende esconder e é tida como normal, "um mal necessário", ou seja, a pobreza, a fome, etc.

²⁹ Maicon Douglas (Felipe Simas), desempregado, se desespera com a situação de seu filho e sua esposa. Por conta disso, resolve assaltar a escola onde estuda. À noite, ele esconde o rosto no banheiro e invade a turma de Lúcia com uma pistola, mas durante o assalto é desarmado por Cleiton (William da Costa) e tem a sua identidade revelada. Enquanto os alunos chamam o diretor, Lúcia o deixa fugir pela janela da sala, porém, quando ele vai sair da escola, é

individuais. Ambas as histórias são atemporais na trama, podendo ter sido abordadas a qualquer momento, do segundo ao penúltimo episódio, sem causar quaisquer "danos" à sua estrutura dramática. Assim, à parte do fato insano de um colega de turma decidir assaltar a própria escola e a professora que tanto respeita, a ação de se cometer um crime dessa natureza deve ser repreendida sempre. No entanto, ao ilustrar o assalto em paralelo com a situação de vida de Silvio, morador de rua, a cena adquire conotações especiais. Afinal, se Silvio, que não tem nem um teto para dormir, consegue até desistir de morar num quarto improvisado na escola por conta do amor ao seu cão e sonha ainda arrumar um emprego e se estabilizar, a decisão de Maicon ganha ares de uma culpa enraizada nas suas próprias decisões. Pulveriza-se, então, a condição de morador de rua como uma *alternativa* abominável, inaceitável e incapaz de ser concebida racionalmente como algo viável, para se construir um ideal minimamente digno e honesto, frente à deliberada ação de violência do colega³⁰.

Essa é a força que ambas as mensagens juntas promovem: o assalto desastrado de Maicon tem suas causas reais e contingências histórico-sociais removidas do ato e a ele são somadas pitadas de um tempero que aponta para o crime como uma *escolha pessoal* (ainda que num momento de desespero), embora as alternativas sejam igualmente inviáveis e inaceitáveis. O julgamento recai diretamente sobre o personagem e sua possível inaptidão em se enquadrar ao sistema, mesmo que isso seja irrealizável em perspectiva macrosociológica. Essa ideia ganha um reforço extra quando Eliete, professora de matemática, curiosamente a mesma que tentou prover o quarto para Silvio, reprova sua atitude, mencionando que conseguira criar sua filha sozinha: "nem nos piores momentos (ela) pensou em fazer uma coisa dessas" e que "todo mundo pode fazer uma *escolha* também". Resta saber se essas escolhas para a população em geral poderão contar com *boas doses de sorte*³¹.

O homicídio de Maicon Douglas serve de conexão e elucida mais ingredientes para a análise. Ao longo dos primeiros episódios, os telespectadores são apresentados

morto a tiros, para o horror da professora, que passa a se sentir culpada por sua morte. Neste interim, ficamos sabendo dos acontecimentos em torno de Silvio (José Dumont), um morador de rua que sonha completar a educação básica para arrumar um emprego e uma vida melhor. Uma aluna reclama do seu mau cheiro e a professora Eliete, pede que ele vá se lavar na torneira. Mais tarde, ela consegue um quarto bagunçado na escola para ele passar à noite, mas como não pode trazer seu cão, ele acaba desistindo e volta para a rua. No final, ele ainda diz: "amanhã, se Deus quiser, a água do chafariz volta" para ele poder se lavar antes da aula.

³⁰ Em outras palavras, a condição de sub-proletário de Silvio parece se constituir como uma ideia válida, afinal, o personagem, mesmo em uma situação imoral, apresenta valores morais aceitáveis pela sociedade.

³¹ "Mais pobre levaria 9 gerações para atingir renda média do país". Disponível em: <https://bit.ly/2GNjyaj>. "Brasil é o segundo pior em mobilidade social em ranking de 30 países". Disponível em: <https://bbc.in/2H0WQeo>. "Brasil é um dos países com menor mobilidade social em ranking global". Disponível em: <https://bit.ly/30UvHRN>

aos problemas estruturais³² da escola, tais como o curto-circuito, o ventilador queimado e as goteiras nas salas de aula. No sétimo episódio, ao chegar na escola para lecionar, Lúcia vê a poça de sangue de Maicon e um homem soldando uma grade de proteção em cima do muro. O sangue nem havia secado e o trabalho já estava quase completo. Isso suscita mais três perguntas: por que para colocar grades a escola consegue verba de um dia para o outro? Há verba para aplicação, mas ela não é utilizada para melhorar as condições de ensino? Essa velocidade de instalação estaria justificando a ideia de que ela deveria ser tremendamente necessária?

O último aspecto pretende expandir essa ideia dos esforços individuais como o principal componente responsável pelo sucesso. Como vimos na introdução, as relações de produção geraram contingências histórico-sociais pelas quais os indivíduos foram desapropriados dos meios de produção e, como resultado, são forçados a vender a sua força de trabalho em troca de sua subsistência. Todavia, no seriado, essas relações apresentam a perspectiva do mérito próprio como forma de se garantir um futuro melhor. Isso ocorre, em especial, através também de uma punição simbólica dos personagens tidos como "preguiçosos", incapazes ou descartáveis, e da premiação daqueles que jamais desistem e se mantêm moralmente adequados ao prêmio, como é o caso do personagem Wallace (Elzio Vieira). Todos os alunos vivem vidas difíceis, relembra Lúcia, mas a superação é, em parte, retratada como algo que tem que *vir de dentro*, com cada um sendo responsável por encontrar sua *própria força* para superar as dificuldades. É evidente que sem esforço as chances de sucesso são mínimas, contudo, não há nexo causal que comprove o oposto como algo certo de gerar maiores chances de sucesso. Wallace trabalha duro e dá o seu máximo para ajudar a mãe e a irmã, mas por conta do trabalho (e das horas extras que o patrão o forçou a cumprir), não foi capaz de estudar direito. Ao tentar colar na prova, foi pego pelo Jaci e foi reprovado. Em seguida, em um ato de desespero, subiu para o telhado da escola e quase pulou para o suicídio, só não o fez por conta da ajuda e carinho de Lúcia. No final, ele vê seus colegas recebendo os diplomas e, na última conversa com a professora, ele aquiesce a *sua* falta de esforço e promete se matricular de novo para o ano seguinte³³.

³² É válido ressaltar que à primeira vista, eles surgem como elementos épicos de uma construção da realidade brasileira. No entanto, quando se tornam um impedimento real na realização das ações dos personagens, eles adquirem características dramáticas potentes. Por exemplo, as cenas em que os alunos realizam suas provas embaixo de dezenas de goteiras e o alagamento da sala faz com que Sônia tenha de cancelar sua aula.

³³ Ironicamente, numa matéria do Gshow, essa ideia também é reproduzida, "quem não se dedicou tanto assim, pode acabar reprovando". Não há um elemento que comprove a sua *falta* de esforço. Disponível em: <https://glo.bo/3iTeJS>

Para concluir, o seriado propõe importantes avanços sociais no campo das lutas identitárias e essas precisam ser urgentemente defendidas e sustentadas, a fim de evoluirmos como sociedade; no entanto, sob o eixo de uma análise de classes, o seriado apresenta uma pintura maior e mais complexa³⁴, de traços finos e textura pálida, cujos elementos têm a força de ofuscar o caráter histórico-social da vida humana. Para essa visão de mundo, por conseguinte, pouco importa que Wallace, Maicon e os outros jamais tenham assinado o *contrato social*, deles é esperado que se reinventem constantemente, que driblem as dificuldades da vida, que consigam tomar as decisões certas e que tenham *paciência*, acima de tudo - e isso sem realizarem a grande *proeza* de escorregarem para o mundo do crime, pois do contrário, seus fracassos serão sempre afirmados como culpas individuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFORD, R; FRIEDLAND, R. **Powers of theory: capitalism, the state, and democracy.** United Kingdom: Cambridge University Press, 1985.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política - Livro I: o processo de produção do capital.** São Paulo: Boitempo, 2013.

MAUREY, A. **Televisão e ideologia: a violência subjetiva e objetiva na ficção seriada.** IN: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Joinville-SC, 2018.

SCHULTZ, R. **Edward Gibbon Wakefield and the development of his theory of "systematic colonization"**. Dissertação (Mestrado em História) - College of Graduate Studies, University of Omaha, 1965.

WAKEFIELD, E. **England and America: a comparison of the social and political state of both nations.** Vol. 2. London, 1833.

WRIGHT, E. O. **Interrogating inequality: essays on class analysis, socialism and marxism.** London: Verso, 1994.

_____. **Class counts.** Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004.

_____. **Understanding class.** London: Verso, 2015.

³⁴ Por falta de espaço, não teve como abordar os elementos que rodeiam a estória de outros personagens, como a de Valquíria, ex-detenta, prestes a começar a vender drogas, pois não arrumava emprego. Por sorte, a professora Eliete conseguiu que ela vendesse suas bijuterias no Instagram, revelando seu possível talento para vendas. Assim, por seu *próprio esforço*, ela deu os passos iniciais para tentar a sua reintegração social.